

## VERDADE E HUMANIDADE

Victor de Oliveira do nascimento<sup>1</sup>

Uma pergunta que passou e passa pela cabeça de muitos pensadores: “o que é a verdade”? Quantas controvérsias, quantos relativismos absolutos, contradições. O ceticismo sempre busca uma forma de questionar ou negar a verdade, mas se sabe que os céticos procedem pelo ato da vontade e não da inteligência. A obra do sofista e retórico Górgias em *Da natureza ou não-ser* diz que nada existe e, se existisse, seria incognoscível e, se cognoscível, incomunicável. Para Protágoras (c. 490-c. 421 a.C.), em sua famosa expressão: “o homem é a medida de todas as coisas”. E é por aí que vão se tendo e estabelecendo as verdades, as religiões como verdades absolutas e suas filosofias, e que, talvez, a verdade para alguns, não seja a verdade para outros. Para Tomás de Aquino, que é a principal fonte de pesquisa deste texto, a verdade passa pelos sentidos, o bom senso comum, ou seja, as experiências com o real fazem com que se abstraia tudo o que é perceptível aliando-as ao intelecto. O objetivo deste artigo é falar acerca do documento do Papa João Paulo II sobre a Fé e a Razão, *Fides et Ratio*, fundamentado no pensamento Tomasiano acerca da Verdade e Humanidade.

Dizer que aquilo que é, não é ou que aquilo que não é, é, é falso; enquanto dizer que aquilo que é, é ou que aquilo que não é, não é, é o verdadeiro (Aristóteles). Nesta frase, a filosofia de Tomás de Aquino coincide com o que foi dito anteriormente sobre o bom senso do homem comum, ou seja, a forma como se enxerga a realidade de acordo com as experiências dos sentidos.

No dia 14 de setembro de 1998 o Papa João Paulo II publicou a encíclica *Fides et Ratio*, na qual aponta para dois níveis de conhecimento do homem, a fé e a razão. Nesse documento o pontífice sustenta a possibilidade de um diálogo entre ambas, pois “a fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade”.

O Concílio Vaticano I ensina que a verdade alcançada através da reflexão filosófica, que está situada na ordem da razão natural, e a verdade da Revelação, da ordem da fé, iluminada e guiada pelo Espírito, não se confundem e não tornam uma

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia – PUC Campinas

à outra supérflua, uma vez que há duas ordens de conhecimento diversas tanto por seu princípio quanto por seu objeto.

De acordo com o Concílio Vaticano II, a verdade profunda a respeito de Deus e da salvação dos homens se manifesta pela Revelação em Jesus Cristo, ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a revelação. Essa verdade confiada por Deus ao homem a respeito de Si mesmo e da sua vida está inserida no tempo e na história. Assim, com a Revelação, a verdade última a respeito da própria vida e do destino da história é apresentada ao homem. E, como afirmado na constituição *Gadium et spes.*, é somente no mistério de Verbo encarnado que se esclarece verdadeiramente o mistério do homem, pois de outro modo o mistério da existência pessoal continua sendo um enigma insolúvel.

A Revelação introduz na história do homem uma verdade universal e última que impele a mente humana a continuamente ampliar o próprio conhecimento até o ponto de perceber a realização de tudo o que está ao seu alcance, pois a razão humana só é limitada pela sua finitude ante o mistério infinito de Deus.

Sabe-se que a verdade da revelação cristã se encontra em Jesus de Nazaré. É essa verdade que permite ao homem perceber o mistério da própria vida e, sendo verdade suprema, respeita a autonomia da criatura ao mesmo tempo que a obriga à abertura para a transcendência. “Conhecereis a verdade e a verdade libertar-vos-á” (Jo 8, 32). Assim, a verdade na Revelação não é o ponto culminante de um pensamento elaborado pela razão, mas traz em si a gratuidade, deve ser pensada e acolhida como expressão de amor.

A razão e a fé não podem ser separadas sem perder-se a possibilidade de o homem conhecer adequadamente a si mesmo, o mundo e Deus. Elas se implicam mutuamente e cada uma tem o seu próprio espaço de realização. Dessa forma, o que a razão alcança pode ser verdade, mas o significado pleno somente é adquirido se o seu conteúdo for situado no horizonte da fé.

Entre a fé e a razão não pode haver uma verdadeira divergência, pois o mesmo Deus que revela os mistérios e comunica a fé também colocou a luz da razão no espírito humano. Certamente, Deus não Se negaria a Si mesmo colocando a verdade em contradição com a verdade.

A fé, dom de Deus, mesmo não se baseando na razão, certamente não pode existir sem ela; simultaneamente, a razão precisa fortificar-se na fé para descobrir horizontes que, sozinha, não chegaria a alcançar.

Qualquer verdade por si mesma, mesmo parcial, se é realmente verdade, apresenta-se como absoluta e universal. O que é verdadeiro precisa ser verdadeiro sempre e para todos. Porém, o homem busca um absoluto capaz de dar resposta e sentido ao que pesquisa, algo definitivo, um valor supremo, que forneça uma certeza livre de qualquer possibilidade de dúvida. Essa busca pela verdade está tão radicada no coração do homem que não poderia prescindir dela sem comprometer a sua própria existência.

Vale ressaltar que o homem não foi criado para viver sozinho, ele está inserido em uma família, em uma sociedade, em relações interpessoais, o que faz com que na vida de uma pessoa sejam mais numerosas as verdades simplesmente acreditadas do que as adquiridas por verificação pessoal. Assim, o homem é o ser que busca a verdade, mas também o ser que vive de crenças. Posto isso, nos deparamos a uma significativa tensão: por um lado, o conhecimento que vem da crença se apresenta como uma forma imperfeita de conhecimento, havendo a necessidade de seu aperfeiçoamento através da busca pela evidência a ser alcançada pela própria pessoa; por outro lado, humanamente, a crença muitas vezes é mais rica do que a evidência, uma vez que inclui a relação interpessoal, o que coloca em jogo não apenas as capacidades cognoscitivas da pessoa, mas também a sua capacidade de confiança no outro que permeia um relacionamento mais íntimo e estável.

O que se busca enquanto verdade na relação interpessoal é a verdade da própria pessoa, o que ela é e o que manifesta no seu íntimo. Na realidade, a perfeição do homem não pode ser reduzida à aquisição do conhecimento abstrato da verdade, mas está também na relação viva de doação e fidelidade ao outro. Ao acreditar, o homem confia na verdade que o outro lhe manifesta. Todo homem está inserido em uma cultura sobre a qual influi e da qual depende. Assim, em cada manifestação da sua vida, o homem traz consigo sua abertura constante ao mistério e seu inesgotável desejo de conhecimento.

São Tomás de Aquino ressaltou a importância de uma verdade universal, objetiva e transcendente ao intelecto humano. Ele enfatizou a harmonia existente entre a razão e a fé, valorizando o diálogo entre ambas como forma de enriquecer-se mutuamente. Salienta o Papa na Encíclica sobre não confinar de forma metódica, ou seja, em verdades parciais, mas que transcenda.

Todavia, os resultados positivos alcançados não devem negligenciar o fato de que essa mesma razão, porque ocupar de investigar de maneira unilateral

o homem como objeto, parece ter esquecido de que este é sempre chamado a voltar-se também para uma realidade que o transcende. [...]. Foi assim que a razão, sob o peso de tanto saber, em vez de exprimir melhor a atenção para a verdade, curvou-se sobre si mesma, tornando-se incapaz, com o passar do tempo, de levantar os olhos para o alto, e de ousar atingir a verdade do ser". (JOÃO PAULO II, 1998 n. 5)

Portanto, para se atingir a verdade de si, do mundo e de Deus, é necessária uma perspectiva não somente racional, mas o que a razão pode ajudar a ir além da própria razão, não limitando-a e não colocando a verdade em contradição com a verdade. Não há dúvida na verdade, mas uma busca de atingir a verdade das coisas a partir da luz interior que vem da sabedoria, que é a busca pelo absoluto, um absoluto que transcende a matéria que os sentidos podem captar.

Assim, a verdade é uma busca constante e interminável, é a busca do agora e do ainda não, é a busca do presente e do que está além do presente, é a busca do mistério.

#### BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Tomás de. Verdade e conhecimento / Santo Tomás de Aquino; tradução, estudos introdutórios e notas de Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PAULO II, João. *Fides et Ratio*. 13ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.